

## A POESIA NA SALA DE AULA

Helder Pinheiro \*

"A poesia é a dança  
e a dança é alegria."

Mario Quintana

Nosso trabalho com a poesia na sala de aula se estendeu de 1980 a 1985, em Uberaba, no Colégio Nossa Senhora das Dores, onde iniciei minha experiência no magistério.

Nosso objetivo é relatar a evolução da experiência — seus vários momentos e as superações que foram se dando na prática.

De nossa parte, sempre houve desconfiança quando ouvíamos dizer que "estudante não gosta de poesia". Na prática, temos conseguido provar o contrário: estudante gosta de poesia. Não de qualquer poesia nem de poesia dada de qualquer forma.

A carência de poemas nos livros didáticos — refiro-me aos de 5.<sup>a</sup> a 8.<sup>a</sup> séries — é facilmente constatável. Mas não se trata apenas de carência: os poucos textos de poesia se ressentem de uma abordagem mais lúdica, prazerosa, menos racional e pragmática. Constatação que logo de início nos levou a procurar livros específicos de poesia para adoção em sala de aula. Mas que livros adotar para alunos em sua maioria adolescentes? Ao invés de utilizarmos uma antologia de Carlos Drummond de Andrade ou de Vinicius de Moraes, fáceis de serem encontradas, optamos por mimeografar alguns poemas, que já havíamos lido em sala e que contavam com a preferência dos alunos.

Fazíamos leituras em voz alta, comentávamos livremente o poema e repetíamos versos e estrofes de que mais gostávamos.

\* Helder Pinheiro, professor e pós-graduando em Literatura Brasileira na USP.

É lugar comum afirmar-se que os alunos de nossas escolas chegam ao 3.<sup>o</sup> colegial sem terem lido um livro de poesia. Iniciei um trabalho com alunos que não estão acostumados com a leitura de textos poéticos provoca, de início, reações diversas. Gracejos fora de hora, ridicularização de detalhes do poema, desinteresse, dificuldade de fazer uma leitura oral adequada, medo de se expor, de afirmar que gostou ou não de determinado poema, crença de que poesia "é coisa de mulher", leituras cantadas, isto é, determina-se um ritmo *a priori* e lê-se todas as poesias da mesma maneira. Se continuássemos, a relação seria imensa. A forma como lidamos com estes problemas foi usando a própria poesia para envolver os alunos. Uma espécie de sedução pela poesia, fazendo com que percebessem a forma fechada de verem a poesia e a vida, apontando sempre para o lado da ambigüidade, da polissemia da poesia e da própria vida.

A partir desta primeira tentativa de levar a poesia com mais constância para a sala de aula, fomos descobrindo novos caminhos. Percebemos que a poesia ia sendo paulatinamente aceita e tornando-se um momento forte de nossas aulas.

Animados pela boa aceitação da poesia, resolvemos compilar uma *Antologia poética* contendo os poemas apreciados pelos alunos do ano anterior e outros de que pessoalmente muito gostávamos. A antologia previamente elaborada nos possibilitou um trabalho constante, sistemático, o que a nosso ver é fundamental para criar o gosto pela poesia. Decidimos com a turma que teríamos uma aula semanal só de poesia, além de eventuais leituras de início e final de aula.

A estratégia mais utilizada no trabalho inicial com a *Antologia* era a leitura silenciosa pelos alunos e depois uma leitura já anteriormente preparada, feita em voz alta pelo professor. A partir daí, os alunos reliam livremente os versos e estrofes de que mais gostavam, comentavam e discutiam-nos. Como a *Antologia* foi feita privilegiando textos lírico-amorosos e textos que tematizavam a vida cotidiana numa linguagem acessível, a participação dos alunos ficou facilitada. Era um trabalho de sensibilização, de despertar para o prazer que a leitura proporciona. Através da poesia tentávamos resgatar e cultivar a dimensão emotiva, tantas vezes esquecida e/ou banida de nossas aulas.

Outro procedimento do qual lançamos mão nesta fase foi relacionar letra de músicas com poemas. Líamos e discutíamos, por exemplo, "Pedro Pedreiro", de Chico Buarque e "O operário em Construção", de Vinicius de Moraes. Apreciamos muitos poemas que foram musicados, como "José" e "Canção amiga", de Carlos Drummond de Andrade, "Motivo", de Cecília Meireles, "Rancho das flores" e "Soneto de separação", de Vinicius de Moraes, "Traduzir-se", de Ferreira Gullar. Normalmente estes poemas eram cantados em sala.

Com o desenrolar da experiência, outras formas de apreciação iam se dando. O trabalho de comparação entre dois ou mais poemas da *Antologia* que possuíam semelhança temática foi fecundo. Neste estágio, os alunos já captavam diferenças de linguagem entre os poetas, percebiam quais os aspectos privilegiados por uns e deixados de lado por outros.

A *Antologia* contemplava poemas da Literatura de Cordel com *As Proezas de João Grillo*, de João Martins Athayde. Além da leitura no ritmo próprio desta literatura, cantávamos tentando retomar o estilo dos cantadores populares do nordeste.

Importante assinalar que utilizávamos também alguns poemas dos livros didáticos. Nossa postura foi sempre de não nos apegarmos às sugestões dos livros, abordando os textos na perspectiva que vimos descrevendo.

A partir desta primeira experiência, fomos aperfeiçoando o trabalho e refazendo a *Antologia*. Por exemplo, reduzimos o número de poetas e aumentamos o número dos poemas. Esta medida nos possibilitou trabalhar melhor o poeta, evitando dispersão de textos e favorecendo o trabalho comparativo entre os autores. O trabalho exigia-nos preparação — leituras, análises, acompanhamento de outras experiências na área da literatura, discussão com companheiros professores e muita reflexão individual.

Íamos descobrindo novos espaços. Começamos a realizar a aula de poesia no pátio da escola. Nalguns momentos, todos juntos, noutros, separadamente. Cada aluno com sua *Antologia* procurava um espaço onde pudesse realizar sua leitura de forma agradável. Muitos alunos se juntavam em pares e liam um para o outro, comentavam entre si e até relacionavam o texto com a sua própria vida. Evidentemente que esta fase se dava depois de muitas leituras e conversas em sala de aula. Esse estar mais

livre com o texto era possível porque já havia um contato anterior com a *Antologia*. Assim, o descer ao pátio era um revisitar os poemas da forma mais livre e pessoal possível.

No terceiro ano de uso da *Antologia*, nasceu a proposta de uma montagem teatral só com poesia. Cada aluno decoraria o poema que quisesse. Depois, ajuntaríamos tudo e tentaríamos dar uma seqüência. Defrontamo-nos com o problema da interpretação. A poesia lida em voz alta carece de trabalho de inflexão de voz, de expressão corporal, de coordenação dos gestos, de marcações. Esta fase envolveu muito a turma. Tivemos que ensaiar em horários extras, fazendo uso de alguns fins de semana.

Os alunos, em sua maioria, escolheram poemas curtos: "Porquinho da índia", "Meninos carvoeiros", "Profundamente", "Versos de Natal", de Manuel Bandeira; "Infância", "Lira romantiquinha", de Carlos Drummond de Andrade; "Retrato" e "Canção da tarde no campo", de Cecília Meireles, só para dar uma idéia.

O cenário era uma praça e as pessoas vestidas livremente iam chegando, se acomodando à vontade e recitando. Havia namorados, velhos, mendigos, crianças. Os poemas eram ditos pelos personagens caracterizados. A opção por esta forma de encenação bem como a escolha das roupas, montagem de cenário e iluminação, foi feita por toda a sala.

Houve um momento especialmente marcante de nosso trabalho com poesia. Em 1985, convidamos os alunos de todas as turmas e fizemos uma grande pichação poética nos muros do Colégio. Cada aluno pichava onde queria e o verso ou estrofe que desejasse. Anteriormente havíamos feito um levantamento de mais de 100 versos e estrofes que ficaram à disposição de professores e alunos. Cerca de 200 metros de muro ficaram totalmente preenchidos por poemas e ilustrações livres.

Depois desses anos iniciais, outras experiências com a poesia em sala de aula foram desenvolvidas. Cada uma mereceria uma descrição à parte. Citamos, por exemplo, a integração entre poesia e jogo dramático infantil, uma experiência realizada nas terceiras e quartas séries do 1.º grau. Montagens teatrais sobre Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, realizadas com alunos de 1.º colegial. Vale lembrar algumas experiências com quintas e sextas séries, usando também antologias.

Guiou-nos em todos estes momentos a perspectiva de despertar o aluno para o poético — que pode se dar não só através da poesia. Quisemos resgatar e perpetuar o ser sensível que está dentro de nós, convive conosco e, por razões diversas, vamos perdendo, reprimindo, escondendo, camuflando.

Não temos dúvida de que nossa paixão pela poesia é determinante para o desenvolvimento dos alunos. Fomos percebendo, no decorrer dos anos, que a poesia, para muitos, tornou-se companheira constante e necessária.

## INTERFERÊNCIAS: LEITURAS CRUZADAS

Ana Salles Mariano \*

Como será o leitor deste texto? Professor interessado à procura de questões que possam levá-lo a rever sua prática, ou professor cansado, querendo respostas, caminhos claros, que facilitem sua tarefa tão pouco satisfatória quanto aos resultados educacionais e financeiros?

Provavelmente, em cada um o jogo se estabelece: cansado, explorado, ainda não perdeu o entusiasmo e por isso se interessa por publicações de sua área. Procurando respostas prontas, questiona as que já obteve. E, às vezes, ao encontrar novas questões, assume-as com o rigor da certeza. Modos diferentes de entrar e sair dos textos. Como autor, perguntamos — como se dará a sua leitura? Procuramos um percurso para conduzi-la e o recurso é começar citando um leitor privilegiado: o escritor argentino Jorge Luís Borges, que nos diz:

“Que outros se gabem das páginas que escreveram, orgulho-me das que li”.<sup>1</sup>

Ao criar a “poética da leitura” — posteriormente desenvolvida pela crítica literária francesa, sobretudo a partir de Genette — Borges inverte a direção do feixe de luz e ilumina o leitor e sua relação com o texto como um processo produtivo, criador. Na leitura, a realização dos sentidos: interpretantes<sup>2</sup> que se engendram na mente interpretadora. Signos de signos. Textos de textos. Leitor-autor.

\* Professora do Departamento de Arte da PUC-SP.

